



PRODUTOS DO MST

O MST NOTÍCIAS

MÍDIAS

PUBLICAÇÕES

INTERNACION

Reforma Agrária Popular

MST ocupa quatro latifúndios no Extremo Sul baiano

Em ação realizada nesta madrugada, três dos latifúndios ocupados são de monocultivo de eucalipto, da empresa Suzano Papel e Celulose na Bahia

Notícias

27 de fevereiro de 2023



Foto: Coletivo de Comunicação do MST na Bahia

Por Coletivo de Comunicação do MST na Bahia

Na madrugada desta segunda-feira (27), cerca de 1.700 famílias Sem Terra na Bahia ocuparam quatro latifúndios, sendo um latifúndio de nome Fazenda Limoeiro, abandonado há 15 anos, localizado no município de Jacobina, e três latifúndios de monocultivo de eucalipto, da empresa Suzano Papel e Celulose, localizados nos municípios de Teixeira de Freitas, Mucuri e Caravelas.

Com as ocupações, as famílias Sem Terra reivindicam a desapropriação imediata dos latifúndios para fins de reforma agrária, tendo em vista que estas propriedades atualmente não estão cumprindo sua função social.

O ato também é uma denúncia contra a monocultura de eucalipto na região, que vem crescendo nas últimas décadas. E o uso de agrotóxicos pela empresa, que prejudica as poucas áreas cultivadas pelas famílias camponesas e o êxodo rural provocado pela monocultura do eucalipto na região.

Os trabalhadores e trabalhadoras repudiam ainda os problemas relacionados a crise hídrica nos municípios, causados pela produção em grande escala de eucalipto e a pulverização aérea realizada nas áreas dos monocultivos.

Ao mesmo tempo, denunciam a grande concentração de terras por fazendeiros e empresas do agronegócio na Bahia, e que essa prática contribui diretamente para o aumento indiscriminado dos índices de desigualdades sociais, além de causar impactos ambientais irreversível, provocando um descontrole ambiental com chuvas torrenciais, enchentes, deslizamentos de terra, secas prolongadas e incêndios devastadores.

Para o MST, o modelo de produção baseado na concentração de terra e no monocultivo é insustentável e não gera desenvolvimento. Sua prática causa danos sociais, culturais e ambientais incalculáveis.

Para Eliane Oliveira, da direção estadual do MST na Bahia, o território baiano sofre com a destruição sistemática dos recursos naturais, com o envenenamento dos solos e o assoreamento de nossos rios.

“*Como contabilizar o custo social das milhares de famílias que foram expulsas de suas terras e hoje vivem na vulnerabilidade social das periferias das cidades, nas encostas e nas margens das estradas? Como justificar o fato de termos as maiores taxas de concentração fundiária do país, e com eles graves índices de desigualdade social?*”, questionou Eliane.

Sinal de alerta

Apesar das expectativas com o Governo Lula em relação à reforma agrária. Os Sem Terra estão preocupados, frente a urgência do combate à fome, o desemprego e a destruição do meio ambiente, causados pelo desastroso modelo do capital. O MST acionou o alerta amarelo diante da demora do Governo Federal em nomear a presidência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão tão importante para a implantação do Programa Nacional de Reforma Agrária.

Evanildo Costa, da direção nacional do MST/BA, espera que essa situação se resolva o mais breve possível, e que o trabalho conjunto do Governo Federal e Estadual no estado, possa de fato implementar as políticas públicas para o campo e fortalecer o diálogo com os(as) trabalhadores(as).

“Nos últimos anos, as famílias agricultoras foram muito afetadas com a paralisação da reforma agrária, a destruição de políticas públicas e a instrumentalização do INCRA. Nossa expectativa agora é que o INCRA seja recuperado e que execute sua verdadeira missão. Esperamos também que o Governo retome os processos de desapropriação das áreas negociada e acordadas desde 2007 para fins de reforma agrária nos perímetro irrigados e nas áreas das empresas da celulose. Retome as políticas nacionais de infraestrutura nos assentamentos, possibilitando o acesso à água potável e de irrigação, estradas, energia elétrica e habitação. Inicie a construção de escolas no campo e fortaleça o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA)”, pontua ele.

O MST reafirma que a Luta é pela construção de um país mais justo e soberano. Por que acredita que através da Reforma Agrária Popular será possível melhorar a qualidade de vida das pessoas, produzir alimentos saudáveis, proteger a natureza e combater os flagelos sociais, em especial, combater a fome e a miséria.

Por que lutamos contra a monocultura do eucalipto?

Foto: Coletivo de Comunicação do MST na Bahia

O território do Extremo Sul da Bahia vem amargando nas últimas três décadas com a expansão do monocultivo de eucalipto, hoje controlada pela empresa Suzano papel e Celulose. Somente no 3º bimestre de 2022, a empresa lucrou 5,44 bilhões de reais, e a venda de celulose e papel ultrapassou as marcas de 2,8 e 311 milhões de toneladas, respectivamente.

Assim, perguntamos: **A QUE CUSTO?** O custo de nosso território amargar com a destruição sistemática de nossos recursos naturais, envenenamento de nossos solos e assoreamento de nossos rios? Como contabilizar o custo social das milhares de famílias que foram expulsas de suas terras e hoje vivem na vulnerabilidade social das periferias das cidades e nas beiras das estradas? Como justificar o fato de nosso municípios amargarem as maiores taxas de concentração fundiária do país, e com eles graves indicadores sociais?

O MST, ciente da missão em lutar pela reforma agrária e pela justiça social, também reafirma nossa luta contra os desmandos da Empresa Suzano Papel e Celulose em nosso território, e exigimos que arquem com os graves passivos ambientais, sociais e econômicos.

Foto: Coletivo de Comunicação do MST na Bahia

Eliane explica que a pauta do MST é a luta por terra, moradia e alimentação saudável. “Enquanto tiver gente Sem Terra, passando fome e sem moradia essa será a nossa tarefa, de fazer valer a Reforma Agrária. Reafirmamos nossa disposição de luta e construção de um país mais justo e soberano, que em um país de proporções continentais, não haja tanta terra para pouca empresas e tanta gente Sem Terra. Nosso compromisso é lutar e conquistá-la para produção de alimentos saudáveis”, concluiu.